

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA INCLUSÃO DE ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO ENSINO PÚBLICO REGULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO – UM ESTUDO DE CASO

Maria de Lourdes de Moraes Pezzuol

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
mariapezzuol@prof.educacao.sp.gov.br

Resumo: Esta pesquisa é um relato de experiência que tem por objetivo apresentar a participação e integração de dois alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) do ensino fundamental II, no desenvolvimento das aulas de educação física em uma escola pública de ensino regular do estado de São Paulo, entre os anos de 2015 e 2016. Iniciativa que possibilitou adaptar os conteúdos da Proposta Pedagógica Curricular permeada em uma educação inclusiva para todos. Reconhecendo as dificuldades da escola em adaptar seus conteúdos, discutir e refletir sobre as possibilidades de ampliar esta experiência pedagógica para outras disciplinas. Observou-se e concluiu-se que o conteúdo da Proposta Curricular de Educação Física pode ser adaptado e desenvolvido com alunos do TEA, respeitando os diferentes graus e intensidades de comprometimento e comportamento, e podem promover a integração, socialização, seja por meio da prática de esportes ou das simples brincadeiras.

Palavras chave: Transtorno do Espectro do Autista (TEA). Educação Física Escolar. Educação Inclusiva.

Abstract: This research is an experience report that aims to present the participation and integration of two students with Autism Spectrum Disorder (TEA) of elementary education II, in the development of physical education classes in a public school of regular education, among the Years of 2015 and 2016. An initiative that made it possible to adapt the contents of the Curricular Pedagogical Proposal permeated in an inclusive education for all. Recognizing the school's difficulties in adapting its content, discussing and reflecting on the possibilities of extending this pedagogical experience to other disciplines. It was observed and concluded that the content of the Curricular Proposal of Physical Education can be adapted and developed with students of the TEA, respecting the different degrees and intensities of commitment and behavior, can promote the integration, socialization, be it through the practice of Sports or in simple jokes.

Key words: Autism Spectrum Disorder (ASD). Physical School Education. Inclusive education.

INTRODUÇÃO

No ano de 2008, foi colocada em prática uma nova Proposta Curricular com a finalidade de organizar o Sistema Público Educacional de São Paulo. Diante deste novo desafio, a disciplina de Educação Física também sofreu alterações (SÃO

PAULO, 2009). A partir de então, a referida disciplina foi direcionada para trabalhar com grandes eixos de conteúdos relacionados às construções corporais no desenvolvimento dos jogos, dos esportes, das ginásticas, das lutas e da dança em suas variações e com as atividades rítmicas com o propósito de incentivar e gerar muitos benefícios aos alunos nas ações baseadas nos valores, fraternidade, amizade e respeito, no desenvolvimento de uma cultura crítica, criativa e solidária, onde o educador precisa reconhecer a essência da felicidade no prazer de educar, gerando uma aprendizagem significativa baseada no ensino por competências (SILVA, 2015).

De acordo com a proposta pedagógica, essas aulas devem ser desenvolvidas de forma integrada com outras disciplinas, oferecendo oportunidades de inovações para auxiliar a quebra de certos paradigmas sobre a esportivização da educação física escolar. É necessário que o professor de educação física dê outros sentidos a sua docência e trabalhe os conhecimentos como expressões culturais produzidas em relações e interações, em trocas com humanos, com semelhantes e com diversos, podendo oferecer diferentes visões e dimensões na adesão à prática da atividade física de forma contextualizada, no criar e recriar uma multiplicidade alternativa de ações dentro do espaço das atividades escolares (ARROYO, 2000).

Os conteúdos curriculares que não exigem do professor uma habilidade técnica, mas a sua constante formação, devem ser abordados dentro da escola e ter como objetivos a ampliação, a valorização e o respeito ao “se movimentar dos alunos”, no reconhecimento do repertório de aprendizagem que os mesmos apresentam e trazem para a escola. Fundamentar-se, também, no resgate dos significados, dos sentidos da “Cultura de Movimento” relacionada aos gostos, aos modismos referentes às práticas esportivas dos dias atuais, adaptando e inserindo seus conteúdos para uma educação inclusiva para todos, principalmente para os alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), abordagem que a presente pesquisa propõe investigar a fim de refletir sobre como podemos estruturar e aperfeiçoar situações de aprendizagem da disciplina de educação física dentro das escolas regulares para estes alunos.

O presente estudo foi desenvolvido na EE. Vereador Narciso Yague Guimarães, unidade escolar vinculada à Diretoria de Ensino, Região de Mogi das Cruzes, do Estado de São Paulo. A escola “Narciso” está localizada entre os bairros

periféricos da Vila Natal e o Nova União, que contrastam com condomínios de luxo e o bairro nobre da Vila Oliveira. A escola atende aproximadamente 1100 alunos. Os estudantes envolvidos nesta pesquisa, os quais denominamos aluno A - Esperança (matriculado no 7º ano B) e o aluno B – Tolerância (matriculado no 8º ano B), cursavam o Ensino Fundamental – Ciclo II, do período da tarde do ano letivo de 2016.

O aluno A, de 12 anos, segundo informações da mãe e avaliações de outros profissionais da área da saúde, possui grau leve de TEA. Trata-se de um aluno alegre, falante, amoroso, participativo e sempre disposto a ajudar. Possui pequenas limitações para se movimentar no comprometimento de suas pernas, mas realiza todas as ações locomotoras propostas nas aulas de educação física, adaptando-as. Já o aluno B tem 13 anos, seu comprometimento TEA é mais moderado, fala e se expressa muito pouco, mas com determinação, às vezes apresenta ecolalia e tem fixação por objetos, cores e figuras.

A sala de aula que o aluno A – Esperança frequenta é formada por 35 alunos muito falantes que apresentam dificuldades de aprendizagem, porém, nas aulas de educação física, são muito participativos e demonstram integração entre si. A sala do aluno B - Tolerância é uma sala com grande número de alunos, também muito falantes e críticos, cuja maioria apresenta bom rendimento escolar. Em ambos os casos, os colegas de sala de aula se possuem bom relacionamento com os estudantes em destaque.

A seguir, apresentamos a estrutura da pesquisa.

OBJETIVOS GERAL

Apresentar atividades pedagógicas curriculares desenvolvidas nas aulas de educação física dentro de uma escola pública regular do Estado de São Paulo que favoreçam o processo de aprendizagem e inclusão de alunos com TEA. Proposta baseada em um olhar mais enfático que buscou entender que no autismo não existe uma prescrição ou uma intervenção com modelo determinado, mas o importante é construir com a criança autista e sua família um modelo adaptado de intervenção pedagógica de acordo com suas características e limitações. Ações pedagógicas

pautadas na realização pelo prazer, pela afetividade, por estímulos no aprendizado para que o aluno tenha vontade de participar e sentir-se acolhido.

OBJETIVO ESPECÍFICO

Realizar uma investigação no desenvolvimento das aulas de educação física em uma escola pública regular, fundamentada pelos conteúdos da proposta curricular na participação efetiva de alunos com TEA.

JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

Está relacionada diretamente à paixão da pesquisadora como professora de educação física atuante no magistério público há 26 anos, que conheceu e recebeu alunos com TEA na escola pública regular (desconhecido, incompreendido, fascinante e desafiador). O transtorno neurológico, que é um quebra cabeça para a ciência apesar de já ser apenas nos últimos anos tem começado a sair da zona de preconceitos para ser mais compreendido pela sociedade (ROCHA, 2016).

A inclusão de alunos com necessidades especiais, principalmente os TEA identificados, alguns com laudos médicos e outros não, exigem o repensar da escola em suas atribuições e planejamentos respaldando-se nas legislações vigentes para receber esses alunos e buscar alternativas em orientações, formações para promover o atendimento pedagógico digno sobre este distúrbio, que não deve ser ignorado e sim destacado, para poder auxiliar uma melhor qualidade de vida para o aluno autista e seus familiares.

Segundo Oliveira (2016) o autismo é uma perturbação do neurodesenvolvimento cuja aprendizagem é facilitada por um sistema de ensino estruturado, devendo ter por base uma matriz visual. Devem ser estes os princípios aplicados em todas as disciplinas lecionadas dentro das escolas. A disciplina de Educação Física Escolar, tal como as outras com base nestes princípios, e sendo os seus conteúdos adaptados ao nível funcional da criança e aos seus interesses específicos têm resultados positivos no neurodesenvolvimento e na autonomia.

Oliveira (2016), que é Pediatra do Neurodesenvolvimento e Professora de Pediatria do Hospital Pediátrico - Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra e Vice-

presidente da Sociedade de Pediatria do Neurodesenvolvimento em Portugal, corrobora, ainda, com um relato sobre uma experiência desenvolvida nas escolas de Portugal em parcerias com equipe multidisciplinar:

Em Portugal dispomos de legislação educativa que regula as unidades de ensino estruturado para alunos com perturbação de espectro do autismo, desde a idade pré-escolar até ao secundário (rede pública de ensino) e que estão apetrechadas de equipa educativa multidisciplinar. Por sua vez todas elas têm um canal de comunicação facilitada com a equipa de saúde (também multidisciplinar) do hospital.

Sendo assim, precisamos, aqui no Brasil, unir forças para fazer cumprir a implementação das políticas públicas em vigor para alcançar uma educação de qualidade e de direitos a fim de possibilitar um ensino significativo para alunos com TEA.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Pesquisas mostram que aproximadamente há 30 anos em nosso país, a educação especial era tratada apenas com o modelo clínico, as leis não favoreciam a inclusão efetiva destes alunos nas instituições escolares. Mas hoje, com a proposta da democratização do ensino, do aumento significativo de políticas direcionadas à educação inclusiva, nota-se que a prática pedagógica é um elemento chave na transformação da escola, estendendo essa possibilidade de transformação à sociedade (APAE, 2015).

Estudos indicam que atualmente o autismo tem recebido força devido à existência de grandes movimentos de pessoas e entidades que buscam pela inclusão e aceitação por parte da sociedade.

Além disso, entidades voltadas à causa da melhor qualidade de vida de pessoas com autismo têm o importante papel de coletar informações sobre o transtorno, apresentá-lo ao poder público, profissionais e outras famílias que não convivem com o TEA, na tentativa de conscientizá-los a respeito do assunto com vistas à desconstrução do preconceito existente acerca dessa e outras deficiências (ROCHA, 2016).

Mas o que é o autismo? Atualmente, podemos identificar uma multiplicidade de estudos relacionados às diversas áreas do conhecimento, como a neurologia, a fisiologia, a psiquiatria, a psicologia e a genética. A literatura relata que o termo autismo foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, em 1908, para identificar sintomas de pacientes esquizofrênicos que apresentavam reclusão social (ROCHA, 2016). Estas investigações podem auxiliar a entender melhor este distúrbio. Distúrbio neurobiológico que atualmente é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O autismo é uma síndrome, conjunto dos sintomas que caracterizam uma doença. Podemos identificar por doença a alteração da saúde que comporta um conjunto de caracteres definidos como causa, sinais, sintomas e evolução. Definida por alterações presentes desde idades muito precoces, tipicamente antes dos três anos de idade, e que se caracteriza sempre por desvios qualitativos na comunicação, na interação social e no uso da imaginação (MELLO, 2004).

Segundo pesquisas, estes desvios de comportamentos que geralmente levam ao diagnóstico do TEA (HONORA; FRIZANCO, 2011) e (MELLO, 2004) estão classificados em três eixos, conhecidos como a “Tríade de Deficiências”.

Baptista (2007), que aborda esta questão, relata que desde a década de 1940, quando ocorreram as primeiras publicações sobre o autismo por Leo Kanner, defendeu, na época, a necessidade de humildade e cautela diante do tema na compreensão sobre o autismo que exige uma constante aprendizagem, uma revisão continua sobre nossas convicções, valores e conhecimentos sobre o mundo e, sobretudo, sobre nós mesmos.

QUEBRANDO O PRECONCEITO: INCLUSÃO ESCOLAR

Atualmente, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo coloca em destaque a pauta sobre debates e diálogos sobre Educação Inclusiva. Como exemplo podemos citar o Programa Caravana da Inclusão:

A Caravana da Inclusão, Acessibilidade e Cidadania é uma iniciativa da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo, com diversas parcerias, e serve de fomento para os municípios aprimorarem suas práticas

regionais no âmbito de ações e projetos que garantam a igualdade de acesso. A Caravana também reconhece e valoriza a atuação municipalista na elaboração, planejamento, implementação e operacionalização de ações. (SEE, 2016)

Podemos observar, também, os direitos legais que fortalecem e dispõem sobre a educação especial nas unidades escolares da rede estadual de ensino do estado de São Paulo:

- O direito do aluno a uma educação de qualidade, igualitária e centrada no respeito à diversidade humana;
 - A necessidade de se garantir atendimento a diferentes características, ritmos e estilos de aprendizagem dos alunos, público-alvo da Educação Especial;
 - A importância de se assegurar aos alunos, público-alvo da Educação Especial, o Atendimento Pedagógico Especializado - APE,
- Resolve:
Artigo 1º - São considerados, para fins do disposto nesta resolução, como público-alvo da Educação Especial, nas unidades escolares da rede estadual de ensino, os alunos que apresentem:
I - Deficiência;
II - Transtornos globais do desenvolvimento - TGD;
III - Altas habilidades ou superdotação.
(RESOLUÇÃO SE 61, de 11-11-2014)

Mas podemos identificar também, que segundo Mascarenhas (2013), membro fundador do Instituto Viva a Infância, apesar de se falar em inclusão, são raras as experiências escolares porque muitos educadores não estão preparados e a sociedade da mesma forma. Para a autora, infelizmente, a escola brasileira de modo geral não está preparada para realmente incluir a criança e o jovem com autismo. A ideia de um acompanhante individual para o aluno com autismo certamente ajuda, mas na prática, efetivamente, isso tem servido muito mais para isolar a criança, para a escola e a professora não terem “trabalho” com ela, assunto pertinente que merece outras pesquisas. Nesse sentido, Almeida (2010), que defende um trabalho escolar multidisciplinar que caracterize o aluno com autismo como um ser bio-sócio-psico-histórico-cultural, destaca a importância da elaboração de planos individuais, aplicabilidade do currículo, e formas de avaliação por portfólios e análise qualitativa do desenvolvimento desses alunos, como subsídios para professores. Complementa também, que estas estratégias devem fazer parte do plano político pedagógico de cada escola, não devendo ser uma ação isolada de cada professor para que possa de fato ser uma proposta inclusiva que atenda a diversidade.

Ainda em Almeida (2010), é necessário realizar uma reflexão que possa estabelecer indicações de referência para que educadores das diversas áreas possam construir e adaptar um modelo de intervenção pedagógica de acordo com as características de cada aluno com autismo. É importante destacar, também, a formação docente em relação a esta síndrome para que se possa alcançar melhor compreensão educacional relacionada às implicações contidas no quadro diagnóstico de cada aluno (CERTEZA, 2010). Essas e outras são ações que potencializam uma melhor qualidade de vida junto ao desenvolvimento de cada aluno no reconhecimento da relevância da inserção de um trabalho escolar integrado aos diferentes atendimentos terapêuticos e até mesmo em parceria com as famílias.

Nesse sentido, como professores, agentes sociais que somos, precisamos conhecer e querer entender mais e melhor as peculiaridades desta síndrome para que a mesma possa sair da zona de preconceito e ser mais bem compreendida e inclusa principalmente dentro das escolas, a fim de que possa haver profissionais capacitados para orientá-los e que possam dialogar na integração com outros profissionais de diversas áreas para o seu desenvolvimento.

MÉTODO E RESULTADOS

Ao identificarmos o desenvolvimento e a integração de alunos com TEA nas aulas de educação física regular na prática cotidiana escolar, por meio do estudo de caso, levantamos informações e dados relevantes sobre sua rotina, buscamos conhecer o perfil, os aspectos significativos de sua participação nas atividades propostas curriculares e na integração e socialização com os demais alunos. A coleta dos dados e os registros foram realizados com auxílio de câmeras, celulares por meio de fotos, vídeos e de registros dos depoimentos da mãe dos alunos.

Os registros foram realizados durante o período das aulas regulares de educação física dos entrevistados e nos encontros marcados com as mães dos alunos com o pesquisador. Não foram especificadas datas, mas a investigação foi realizada entre os meses de agosto de 2015 e maio de 2016, respeitando as participações, interesse e presenças dos alunos. A seguir, apresentamos alguns dos resultados em forma de relatos no desenvolvimento de situações de aprendizagens dos eixos

temáticos dos conteúdos propostos para as aulas de educação física do Ensino fundamental – Anos finais baseados nos cadernos curriculares dos alunos e do professor com a participação efetiva dos alunos com TEA, no contexto escolar. Cabe salientar que a entrevista com as mães e as fotos dos alunos foram devidamente autorizadas. Quando apresentados no trabalho, são identificados como aluno A – Esperança, e o aluno B – Tolerância. Dessa forma, a identidade de cada um foi preservada em sigilo.

Situação de aprendizagem 1 – EIXO ESPORTES

A recomendação de aprendizagem para os 7º e 8º anos para esse eixo temático propõe o trabalho com a modalidade atletismo (corridas, arremessos e lançamentos) e (corridas e saltos). As aulas de educação física desenvolvidas com a participação dos alunos TEA, foram realizadas de forma individual e em grupos, por meio de atividades de estafetas com corridas de velocidade e resistência, saltos e atividades com auxílio de cordas e bastões, arremesso de vários tipos de bolas, onde também foram incorporados jogos recreativos como o jogo de queimada com variações: em equipe e individual. Foi necessário intervir explicando individualmente para o aluno B – Tolerância, que entendeu de forma significativa e participou das atividades sem restrições e de forma integrada com o grupo. ao aluno A – Esperança, não foram necessárias maiores explicações, pois seguiu a explicação geral de aula com a turma.

Podemos destacar algumas competências e habilidades que foram identificadas pelos alunos TEA sugeridas para este eixo: Identificar diferentes possibilidades de saltar obstáculos, identificar ajustes na corrida e no posicionamento do corpo parado em velocidade, arremessar diferentes tipos de bolas, integrar ações individuais e coletivas e seguir regras propostas, registro escrito para identificar letras e palavras e colorir desenhos em forma de atividade avaliadora. A seguir algumas fotos das participações dos alunos TEA nas aulas de educação Física.

Fotos:

Figura 1 - Atividade de intervenção sobre o tema: Esporte coletivo



Legenda : A) O aluno B – Tolerância, realizando fundamento de drible, ações que podem ser inseridas para a modalidades de handebol e basquetebol. B) Atividade extraclasse campeonato de futebol com participação do aluno A – Esperança, comemorando com os amigos do time. C) Aluno B realizando arremesso de basquetebol e D) Aluno A – Esperança, realizando um saque no jogo proposto de vôlei cambio.

Fonte: Elaborada pela autora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos que ao identificar a situação do desenvolvimento pedagógico adaptado à proposta curricular de dois alunos com TEA nas aulas de educação física de uma escola pública regular, levantamos informações sobre uma problemática que está relacionada com o desenvolvimento pedagógico de cada escola regular.

Diante do exposto, podemos identificar que o planejamento de aulas de educação física adaptadas ao currículo e ao perfil do TEA dentro de escolas públicas

regulares, respeitando-se os diferentes graus e intensidades de comprometimento e comportamento dos alunos, pode promover a integração e a socialização, seja por meio da prática de esportes ou nas simples brincadeiras, ações que potencializam uma melhor qualidade de vida junto ao desenvolvimento de cada aluno no reconhecimento da existência de um trabalho escolar integrado que busque um novo olhar sobre o assunto.

Nesse sentido, a inclusão de alunos com necessidades especiais dentro das escolas públicas, principalmente para o TEA, já apresentam um número significativo, alguns com laudos médicos e outros não, exigindo que a escola repense em suas atribuições e planejamentos, respaldando-se e fazendo valer as legislações vigentes para receber esses alunos e buscar alternativas em orientações, parcerias e formações para promover o atendimento pedagógico sobre este distúrbio, que não deve ser ignorado e sim destacado para poder propiciar uma melhor qualidade de vida para o aluno e seus familiares.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes, 2000

BAPTISTA, Claudio Roberto. **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção**. Artmed, Porto Alegre, 2007.

CERTEZA, Leandra Migotto. Autismo um arco Iris de possibilidades. **Revista Ciranda da Inclusão**, ano 1, n. 06, maio, 2010.

CUNHA, Eugenio. **Autismo: Ideias e práticas Inclusivas – É preciso amor pra poder pulsar**. Disponível em:
<http://www.eugeniocunha.com.br/sistema/arquivos/palestras/1f915_autismo%20%20site.pdf> Acesso em: 08 maio 2016.

MASCARENHAS, Claudia. **As escolas brasileiras regulares não estão preparadas para receber crianças com autismo afirma especialista**. Disponível em:< <http://primeirainfancia.org.br/as-escolas-brasileiras-regulares-nao-estao-preparadas-para-receber-criancas-com-autismo-afirma-especialista/> > Acesso em: 20 julho 2016.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo**: guia prático. 4 ed. São Paulo. AMA; Brasília, CORDE, 2004.

OLIVEIRA, G. **Neurodesenvolvimento de crianças com espectro do autismo**. Fórum – SPND – Sociedade de Pediatria do Neurodesenvolvimento, Lisboa, Portugal. Disponível em: < <http://www.spnd-spp.com/sitegest.asp?languageID=1&serviceID=31>> Acesso em 08 jun. 2016.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Educação Física**, Coord. Maria Ines Fini. São Paulo: SEE, 2009.

ROCHA, G. Autismo: O bê-á-bá do TEA. **Revista Ler & Saber Autismo**, ano 2, n. 2, 2016.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Educação. RESOLUÇÃO SE 61, de 11-11-2014. Dispõe sobre a Educação Especial nas unidades escolares da rede estadual de ensino. **Diário Oficial**. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/litemLise/arquivos/61_14.HTM?Time=20/06/2016%2012:55:28> Acesso em 20 de maio de 2016.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Caravana da Inclusão**. Disponível em: <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/nalini-discute-educacao-inclusiva-em-rio-claro>> Acesso em 10 de jun. 2016.

SILVA, Tiago Aquino da Costa e. **Jogos e brincadeiras com bolas. (Paçoca)**. São Paulo: Kids Move Fitness Programs, 2015.